

ABORDAGENS DO TRABALHO NA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE LAZER

*Approaches of work in the Brazilian academic research production
in the field of leisure*

GUIMARÃES, Ailton Vitor¹
OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales²
ARANHA, Antônia Vitória Soares³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar as abordagens do trabalho presentes na produção acadêmica brasileira sobre o lazer, no período de 1989 a 1999, e confrontar esse quadro com o período posterior até o ano de 2011. Considera-se, inicialmente, um estudo qualitativo do tipo bibliográfico, cujo caráter de abordagem do estado da arte permitiu evidenciar o estado do conhecimento no campo dos estudos do lazer, no primeiro período, que é colocado em perspectiva a seguir com relação à produção acadêmica publicada pela Revista Licere, do CELAR/UFMG. São abordados os estudos e autores que fundamentam essa produção acadêmica e explicitados aspectos inerentes às discussões de temáticas relacionadas aos estudos do lazer, indicando a permanência de um quadro, no qual as abordagens do trabalho, com uma ou outra variação e/ou avanço em relação às críticas e análises, são: o *trabalho produtivo* e o *'novo' trabalho produtivo* e o *trabalho como ação humana concreta*, esta última como uma possibilidade tácita nas análises do primeiro período considerado. O quadro analisado, considerando as abordagens de lazer encontradas, provoca algumas indagações, diante das quais se pondera que o que se mostra pode revelar que tudo é como se pensa que é. Mas pode também revelar formas e entendimentos que nem as leituras e projeções de um devir do *trabalho concreto*, emancipador, nem aquelas outras de um trabalho real, provavelmente abstrato, produtivo, alienado e alienante, deram conta de evidenciar. Pergunta-se se o mesmo estaria ocorrendo no lazer e apontam-se algumas pistas para seguir no aprofundamento da discussão, no sentido de pensar, elaborar e agir, avançar para além dos limites teóricos que definem o campo acadêmico e se definem nele.

Palavras-chave: Trabalho; Lazer; Tempo de trabalho/Tempo livre.

ABSTRACT

This article aims to present the work approaches existing in Brazilian academic production on leisure over the period from 1989 to 1999, and to compare this situation to the subsequent period until the year 2011. It is, initially, based on a qualitative study of bibliographical attribute, whose character of the state of the art of surveys allowed to learn the state of knowledge in the field of leisure studies over the first period, which is then put into perspective with the academic production published by the Licere, a journal published by the Centro de Estudos de Lazer e Recreação - CELAR of the Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Brazil. Studies and authors that are addressed underlie this academic production and explicit aspects inherent in discussions of issues concerning leisure studies, which indicate the permanence of a framework, on which the work approaches, with one variation or another and/or advancement in relation to criticism and analysis, are: *productive work* and the *'new' productive work* and *work as a concrete human action*, the last as a possibility implicit in the analysis of the first period. The analyzed framework, considering the approaches found about leisure, raises some questions beforehand which argues that what is shown may reveal that everything is as they are thought to be. But it may also reveal ways and understandings that neither the readings and projections of the *concrete work*, emancipatory, nor those of real work, probably abstract, productive, alienated and alienating, gave account of performing. Ask if the same situation

¹ Doutorando em Educação pelo PPGE/FaE/UFMG, Professor do CEFET-MG. E-mail: vitor@div.cefetmg.br

² Doutora em Filosofia pela Florida State University, Pós-doutorado na PUC/SP, áreas: Currículo, Ensino e Educação profissional (Trabalho e Educação). Professora do CEFET-MG. E-mail: mariarita2@dpgg.cefetmg.br

³ Doutora em Educação pela PUC/SP. Pró-Reitora de Graduação e Professora da Faculdade de Educação da UFMG. E-mail: antoniavitoria@uol.com.br

would be occurring in the leisure and point to some clues to follow in further discussion, to think, prepare and act, to move beyond the theoretical limits that define and are defined / in the academic field.

Keywords: Work; Leisure; Working time/free time.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar as abordagens do trabalho subjacentes à produção acadêmica brasileira sobre o lazer em dois períodos: 1989-1999 e 2000-2011.

No primeiro período, levou-se em conta, para sua delimitação, o início de dois encontros anuais no país que privilegiam o estudo do lazer como objeto: o Encontro Nacional de Recreação e Lazer – ENAREL, um evento cuja iniciativa parte de um coletivo de pesquisadores em lazer e é realizado desde 1989; e o Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, que ocorre desde 1993, e as considerações explicitadas integram a pesquisa apresentada em Guimarães (2001). Obviamente, a produção pesquisada não se restringe aos anais e às coletâneas desses dois encontros. No segundo período, foi considerada a produção acadêmica publicada na *Revista Licere* (1998), editada pelo Centro de Estudos de Lazer e Recreação da UFMG e que, “no Brasil, no momento é o único periódico científico especialmente dedicado à temática do lazer”, ainda que, “no que se refere a revistas científicas, o lazer [...] [seja] um assunto abordado e discutido em artigos publicados em vários periódicos nacionais e internacionais, das mais diversas áreas do conhecimento” (GOMES; PINTO, 2009, p.88, p.116).

Nos dois períodos foram feitos estudos qualitativos do tipo bibliográfico, cujo caráter de abordagem do estado da arte, no primeiro período considerado, permitiu evidenciar o estado do conhecimento no campo dos estudos do lazer e colocá-lo em perspectiva com relação à produção publicada no período posterior.

Os procedimentos de investigação utilizados levaram em conta, com relação ao período de 1989 a 1999, um levantamento em três etapas, nas quais foram catalogados, inicialmente, 3.815 títulos em diferentes categorias (artigos, resumos, resenhas, trabalhos apresentados em anais e coletâneas) num primeiro levantamento, identificados 1.079 textos num segundo levantamento e, finalmente, num terceiro levantamento, foram selecionados 33 textos de 21 autores(as) diferentes cujos estudos abordassem ou fizessem algum tipo de referência ao trabalho no trato das questões relacionadas ao lazer.⁴ Feito isso, foram identificados os textos e autores mais citados na produção considerada e que, em última análise, lhe dão sustentação teórica.

⁴ No levantamento para esse período, foram consideradas as seguintes fontes de pesquisa: a *Revista Licere* (1998), único periódico brasileiro indexado e especializado em lazer, publicado conjuntamente pelo Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR), pela Escola de Educação Física (EEF) e pela Universidade Federal de Minas Gerais; a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE* (1979), publicada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE, entidade representativa dos pesquisadores e dos profissionais vinculados à área de Educação Física e ao esporte no Brasil; as Coletâneas dos Encontros Nacionais de Recreação e Lazer - ENAREL; a

Pode-se dizer que as discussões identificadas nessa produção envolvendo lazer e trabalho são sustentadas, em grande parte, pelos estudos de Marcellino (1995a), de Marx (1999) e de Thompson (1991), sendo estes os três autores mais citados. O primeiro estudo fundamenta, além das críticas, as propostas para a área, centradas, basicamente, na exploração de questões culturais no âmbito do lazer, e os outros dois fundamentam mais as críticas às abordagens e práticas do lazer construídas nos limites da ocupação de um suposto *tempo livre* nas condições da sociedade capitalista industrial. Nesse sentido, em que pese a fundamentação das críticas, a produção analisada deixa de aprofundar as possíveis proposições para a superação da realidade que se apresenta em relação, não só às abordagens de lazer identificadas, mas também em relação àquelas expressas em relação ao trabalho, deixando de apontar alternativas às práticas e às ações que analisa, expressa, discute e critica (ou não), na direção de superação das barreiras do estranhamento e do funcionalismo identificado nas mesmas.

Essas críticas, construídas com base em variáveis econômicas, e as proposições feitas pela produção analisada, de certa forma, são antecipadas no estudo de Marcellino (1995a). Neste, pode-se dizer que as críticas são subsumidas pela necessidade de propor algo que se encontra focado na esfera da cultura. Não se deixam de lado os questionamentos acerca do trabalho produtivo e do controle do tempo desse trabalho, particularmente no que tange à discussão sobre a ocupação do tempo. Defende-se a não fragmentação do humano, colocando-se o trabalho e o lazer como esferas da ação humana, na qual as práticas socioculturais, entre elas o lazer e o trabalho, desenvolvem-se de maneira integrada, e recusando-se formas de abordagem articuladas a uma “visão ‘funcionalista’ de sociedade”.

Obviamente, essa posição expressa, de maneira geral, críticas e proposições encontradas na produção acadêmica analisada, o que não exclui a contribuição de outros estudos cujos autores orientam-se a partir de fundamentações teóricas distintas, mas que não são dominantes na área.

Em função da investigação no período de 1989-1999 e dos procedimentos utilizados para o período 2000-2011, considerou-se apenas a produção publicada na *Revista Licere* (1998), levando em conta o seu *status* de único periódico especializado em lazer no Brasil.⁵ Foi feito então um primeiro levantamento, considerando um universo de 228 artigos publicados no

Revista Motrivivência (1988), publicada, inicialmente, pelo Departamento de Educação Física/Universidade Federal de Sergipe – DEF/UFS e, posteriormente, pelo Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física/Universidade Federal de Santa Catarina – NEPEF/UFSC; as Coletâneas dos Encontros Nacionais de História do Esporte, Lazer e Educação Física; a *Revista Movimento* (1994), publicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Além dessas fontes, foram também consultados: o banco de dados em CD-ROM da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd; bibliotecas da EEF/UFMG e da Faculdade de Educação/UFMG – FaE/UFMG; bancos de dados, com acervos da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – e da UFMG, disponíveis via Internet; a *Revista Mineira de Educação Física*, do Departamento de Educação Física/Universidade Federal de Viçosa – DEF/UFV; os temas de pesquisa do mestrado e do doutorado em andamento) e grupos de pesquisa do Departamento de Estudos do Lazer da FEF/UNICAMP; a *Revista Paulista de Educação Física* (1986), da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo – EEF/USP; a *Revista Motriz* (1995), da Universidade do Estado de São Paulo/Rio Claro – UNESP/Rio Claro; e a *Revista Motus Corporis* (1994), da Universidade Gama Filho – UGF.

⁵ Conferir Gomes e Pinto (2009, p.88 e nota 54 à p.116), autoras citadas nas referências.

período (até setembro de 2011), na busca pelos trabalhos que indicassem como palavra-chave o vocábulo “trabalho”, e foram encontrados 12 artigos. Em seguida, um segundo levantamento apontou outros 126 artigos que se referem ou abordam o trabalho (mas não o têm como palavra-chave), considerando, nos dois levantamentos, as referências da investigação realizada no período 1989-1999 em relação aos estudos e autores mais citados.

Em um total de 138 artigos (agrupando os que têm *trabalho* como palavra-chave e os que o abordam ou se referem a ele), o estudo de Marcellino (1995a)⁶ é citado em 53 artigos, sendo que em 34 deles são citados outros estudos do autor.⁷ Esses outros estudos aparecem ainda em outros 36 artigos sem estarem associados àquele, o principal estudo considerado. O estudo de Marx (1999) não aparece como referência explícita nesses 138 artigos, sendo que o autor é citado em 15 dos artigos com outros títulos⁸ e Thompson (1991) é citado, expressamente, duas vezes, num total de 7 referências ao autor.⁹ Desse universo, foram selecionados 16 artigos com os quais são feitas as considerações em relação ao período 2000-2011.

É interessante notar que se mantém o quadro geral identificado no período de 1989-1999 em relação à sustentação teórica da produção sobre lazer, a considerar os estudos de Marcellino como o autor que predomina. No universo dos 138 artigos considerados no levantamento, o autor assina 14, sendo 1 deles uma avaliação/revisão das *contribuições de autores clássicos modernos e contemporâneos para os estudos do lazer* ao longo da história, numa espécie de indicativo de rumos a seguir para consolidar uma *teoria do lazer*, precedido de algumas considerações acerca do entendimento de *teoria* e de *prática* e da articulação entre os dois âmbitos, alertando, logo no início, que

podemos considerar que existe uma teoria do lazer, desconhecida da grande maioria dos profissionais que atuam na área. Esta teoria vem sendo formulada desde a filosofia clássica, ganhou impulso com a criação e desenvolvimento das Ciências Humanas, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, e tem recebido contribuições constantes da Sociologia, Antropologia, Arquitetura/Urbanismo, Comunicações etc. Desconhecendo a teoria do lazer, o profissional que atua nessa área, além de confundir a prática do lazer com a prática profissional que o lazer requer, não estabelece uma prática, mas sim um “tarefismo”. Isso pode ser verificado nas aulas de graduação de muitos cursos superiores e nos “manuais” de recreação e lazer (MARCELLINO, 2010, p.3).

Esse quadro parece consolidar a posição dominante nos estudos do lazer no Brasil, indicada por Padilha (2006b). A autora indica Dumazedier (junto com seus seguidores) como teórico fundante de uma perspectiva funcionalista¹⁰ e,

⁶ *Lazer e Educação*, o referido estudo, está na sua 16ª edição.

⁷ Marcellino (1995a, 1995b, 1996a, 1996b, 1997, 2003, 2006a, 2006b), entre outros.

⁸ Marx (1988, 1989, 1998, 2006a, 2006b), entre outros.

⁹ Thompson (1991), publicado no Brasil em Silva, T. T. (1991), é um estudo que faz parte de Thompson (1998) e é referência de outras duas citações relacionadas ao autor na produção investigada na Revista *Licere* (1998) no período, além de Thompson (1981, 1987, 2002).

¹⁰ Em *Dialética do Lazer*, livro que reúne textos de autores que abordam a temática do lazer seguindo, “com mais ou menos ortodoxia, o referencial metodológico do marxismo [...] um livro cujas reflexões são clara e francamente guiadas pelo recorte de um tema e de um referencial de análise”, a autora esclarece as intenções do debate provocado no livro a partir da descoberta de “que era possível estudar e pensar o lazer na contramão da corrente dominante do que se

nessa trilha, observamos que os estudos desse autor¹¹ são citados em 46 artigos dos 138 considerados no levantamento, sendo que em 35 deles aparece ao lado de alguns dos estudos de Marcellino.

Importa chamar a atenção, no entanto, para o fato de que Marcellino, ao lado de outros pesquisadores, em um dos artigos que assina, sugere a defesa de uma posição bem menos *funcionalista*, ao concluir uma análise das relações entre lazer e trabalho. Partindo da análise dos estudos do sociólogo Domenico De Masi, Marcellino *et al.* (2004, p.82) afirmam que “o que se espera do futuro comporta pelo menos dois exercícios de abordagens – o de futurologia e o da esperança, manifestada na Utopia”, indicando que Dumazedier (1973a, 1973b, 1977) já vislumbrava o primeiro “com o nome de civilização do lazer, um dos seus apologistas, inclusive em textos mais recentes, como em *Éloge de la folie* (1990)”. Continua, afirmando que

coincidentemente, os dois autores [De Masi e Dumazedier] foram divulgados, no Brasil, principalmente a partir da mesma instituição, o SESC, Serviço Social do Comércio, vinculado ao patronato comercial – Dumazedier nas décadas de 70 e 80, e De Masi; na década de 90 (MARCELLINO *et al.*, 2004, p.82).

Afirmando a opção pelo exercício da esperança, “pela Utopia, por uma nova cultura e uma nova sociedade, cujas características são avanços e recuos, num processo dinâmico incompatível com modelos preestabelecidos”, eles concluem afirmando que

a relação trabalho x lazer não pode ser reduzida a questões organizacionais ou a mudanças de mentalidade. Inclui esses aspectos, e uma ampla reforma moral e intelectual; mas isso é apenas o começo da alteração da ordem social vigente sem a qual uma outra sociedade não poderá se instaurar. A busca de uma nova hegemonia supõe a luta contra-hegemônica, e a formação de novo bloco histórico. Sem essas categorias não faz sentido trabalhar a contradição possibilitada pelo lazer dentro da nossa sociedade: a de gerar contestadores da própria dinâmica que o engendrou, historicamente, e com eficiência, porque com prazer e alegria (MARCELLINO *et al.*, 2004, p.83).

A sustentação teórica dessa posição tem Gramsci (1979, 1981) por base e, via de regra, é o que vem mostrando as referências para a produção acadêmica brasileira dos estudos do lazer e que, a rigor, reforça a posição já indicada em Marcellino (1995a) acima. Em que pesem as considerações e os indicativos críticos, para além do *funcionalismo puro*, ainda é preciso estabelecer alternativas e vislumbrar possibilidades mais efetivas que concretizem, de fato, as aproximações resultantes do *exercício da esperança* provocado pelo vislumbre da *Utopia*.

convencionou chamar, não ocasionalmente, de funcionalismo (que tem Dumazedier e seus seguidores como principais expoentes). De um lado, pode-se dizer de forma bastante sintética que a concepção funcionalista do lazer deve ser entendida como toda aquela compreensão organicista da sociedade como sendo um corpo ou uma máquina harmoniosa em que cada parte (ou órgão) contribui, com suas devidas funções, para seu equilíbrio. Na sociedade prevalece o consenso. Dá-se uma ênfase nos valores da sociedade tradicional, na nostalgia de um passado bom e o lazer é visto como ‘válvula de escape’ que tem funções poderosas, favorecendo a saúde física e mental. Assim, o lazer compensa o que se perde no trabalho e nas obrigações da vida cotidiana. O lazer recupera a força de trabalho para manter o equilíbrio do sistema de produção necessário ao progresso das sociedades. Nesta abordagem, normalmente, o trabalho é carregado de negatividade e o lazer é carregado de positividade” (PADILHA, 2006b, p.11-12).

¹¹ Dumazedier (1973a, 1973b, 1977, 1990).

Em relação a Marx (1999) – o segundo estudo mais citado no período investigado anteriormente, no universo dos 138 artigos considerados da *Licere* (1998) no período de 2000-2011 – este estudo não aparece expressamente citado, mas inclui-se em outros que são do autor, já que é, ele mesmo, parte do volume 1 de *O Capital*. Esses estudos de Marx,¹² na trilha das críticas às abordagens e práticas do lazer construídas nos limites da ocupação de um suposto “tempo livre” nas condições da sociedade capitalista industrial, podem ser considerados, em associação aos autores marxistas que dão sustentação às posições assumidas por Padilha (2006b) e Mascarenhas (2000b, 2003), entre outros,¹³ um horizonte no qual,

enquanto o trabalho estiver subordinado à satisfação de necessidades imediatas e o produto do trabalho permanecer estranho ao seu produtor, o lazer não passará de uma possibilidade de compensação ou até de reprodução dessa mesma relação (MARCASSA; MASCARENHAS, 2005, p.257).

No que diz respeito às sete referências encontradas na produção a estudos de Thompson (1981, 1987, 1991, 1998 e 2002), pode-se afirmar que eles contribuem, basicamente, na discussão da disciplinarização do tempo e oferecem referências à discussão da questão da cultura relacionada ao lazer e ao trabalho, considerando, nessa perspectiva, como diz Marcellino (2010, p.32) o que se pode chamar de um *marxismo culturalista* e a ideia de que *classe é uma formação social e cultural*.¹⁴

ABORDAGENS DO TRABALHO NOS ESTUDOS DO LAZER (1989-1999)

As abordagens acerca do trabalho, nesse período da produção acadêmica na área do lazer, concentram-se, basicamente, em duas. A que se mostra como predominante, refere-se à forma de *trabalho produtivo*, destacando-se suas características de fragmentado e alienado do trabalhador e enfatizando o controle do tempo de trabalho, em considerações acerca do *novo* trabalho produtivo e das exigências nele implícitas.

O *trabalho como ação humana concreta* aparece como uma possibilidade tácita nas análises que se ocupam das condições do trabalho produtivo. Constitui outra concepção de trabalho abordada, efetivamente, em uma parcela da produção acadêmica analisada, como uma possibilidade desejada, apesar dos limites para a sua realização nas condições econômicas e socioculturais em que se encontra a formação social brasileira. Os caminhos e alternativas para se transformarem as condições materiais existentes na direção de uma forma de trabalho integrada à totalidade das ações humanas incluiriam práticas e abordagens de lazer nessa mesma direção.

¹² Conferir nota 8 a respeito.

¹³ Alguns desses autores integram o coletivo de estudos publicados em Padilha (2006a), a saber: Alves (2006), Amaral (2006), Andrade (2006), De Pellegrin (2006), Mascarenhas (2006), Navarro (2006) e Pacheco (2006). Conferir nota 7, além dos autores considerados aqui.

¹⁴ Acrescentaria “histórica” à expressão utilizada pelo autor em relação a Thompson, considerando que em Marx e em Thompson toda a formação, transformação e evolução se dão pelo desenvolvimento das forças produtivas (trabalho) no curso da “história”, ainda que isso seja lógico e claro.

Na perspectiva de abordagem do *trabalho produtivo*, fragmentado, alienado do trabalhador e no interior de uma divisão social excludente, pode-se perceber a preocupação com o controle do tempo de trabalho e, por extensão, com o domínio do que é produzido.

A transformação histórica na maneira de conceber o tempo de trabalho expressa, por exemplo, nos estudos de Finck (1993, p.42), que “tanto a ferramenta quanto a máquina impuseram ao homem movimentos diferenciados”; nos estudos de Valente (1997, p.319), “a notação do tempo passou a ser em função do ritmo de trabalho. A medição do tempo configurou-se como mais um dos atributos do capital”; e nos estudos de Veronez (1995, p.79), “o desenvolvimento tecnológico não está nos levando ao ‘paraíso’. Mesmo que a capacidade de produzir tenha aumentado significativamente, o que se vê é um aumento no desemprego”, permeia as ações dos trabalhadores na direção da sua fragmentação, suportada por uma divisão linear do tempo. Passa a ter importância o que é construído sob a lógica da disciplina imposta pelo relógio, a disciplina do trabalho produtivo, que passa a reger todas as ações humanas, seja no tempo de trabalho, seja no tempo de lazer.

Os estudos de Gariglio (1995), Pacheco (1992) e Sadi (1999) complementam-se na caracterização do trabalho produtivo: a origem de sua fragmentação; a relação da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual com a divisão social; e a característica alienada desse tipo de trabalho. Nesse contexto, o trabalhador não tem domínio ou consciência do que produz, sendo levado, tal como indicado por Bitencourt (1997, p.553), à “formação de um mercado unificado a partir de companhias mundializadas, oferece (impõe) seus bens e produtos em escala planetária, criando e recriando: necessidades, sonhos, estilos de vida, etc.”; para Santin (1997, p.45), “nunca o homem teve a sua disposição tantos recursos [...] o que garantiria um longo tempo livre [...]. O desempregado tem todo o tempo a sua disposição, mas isto não significa tempo livre e, muito menos, tempo de lazer”, a depender das leis de mercado, que acabam se tornando o referencial único a ser seguido e em função do qual são construídos os projetos de desenvolvimento, de orientação neoliberal, fundamento da globalização econômica, política e cultural, que se relaciona à ampliação do domínio de acumulação do capital.

Esse mesmo quadro pode ser percebido no “*novo*” *trabalho produtivo*, que tem como uma das características principais a introdução de avançados recursos tecnológicos aos meios de produção e processos de trabalho. Isso exigiria um novo perfil de trabalhador, novas exigências na formação profissional a partir de um referencial baseado na multifuncionalidade e na flexibilidade, o que pressupõe rápida absorção e adaptação a novas funções, influenciando, inclusive, no comportamento do trabalhador fora do ambiente de trabalho, conforme mostram os estudos de Silva, P. (1997) e Palafox (1997).

Diante disso, a produção acadêmica aqui considerada tende a ser construída na direção de se superar a fragmentação e a alienação dessa forma de trabalho, apesar do reconhecimento das características adversas, próprias do modo de produção capitalista, em que se organizam e se constituem as relações sociais não solidárias e excludentes.

O lazer como forma de compensação e recuperação do trabalho, consumido de forma alienada no tempo de não trabalho, é o que melhor se articula a essa forma de trabalho, produtivo, pleno de recursos tecnológicos cuja aplicação aos processos de produção tem como objetivo fundamental o aumento da produtividade e a potencialização da organização e do controle dos processos de trabalho nessa direção, o que contribui para aumentar o desemprego.

Pode-se perceber que, na produção acadêmica investigada nesse período, a procura por sugestões de propostas de superação dessas formas de abordagem do lazer, no sentido de encaminhar alternativas críticas, em sintonia com o respeito à cidadania, com a luta pela garantia e pela conquista de direitos dos trabalhadores, integrados aos seus interesses e com a discussão democrática das questões ligadas à construção de um projeto de desenvolvimento social que inclua o lazer e o trabalho de maneira mais integrada e menos fragmentada.

A perspectiva de abordagem do *trabalho como ação humana concreta* é discutida de forma mais clara nos estudos de Silva, M. (1999) e de Sadi (1999). As análises desses autores, tomando por base a obra de Marx, colocam em evidência as diferenças entre aquela forma de *trabalho produtivo*, fragmentado, produtor de uma riqueza abstrata que exclui a participação do trabalhador, e a forma de *trabalho concreto*, integrado às ações humanas, produtor de uma riqueza cuja distribuição inclui todo e qualquer ser humano. Pode-se identificar, nos estudos dos dois autores, que o caminho a ser trilhado vai ao encontro das características do *trabalho concreto*, porquanto reúne características emancipatórias e geradoras de autonomia na utilização do tempo em todas as esferas da vida humana. Essa posição, entretanto, não deixa de considerar as limitações do contexto no qual está situada, ressaltando-se a necessidade do enfrentamento de questões como o desemprego, as limitações da política de emprego, a exploração do trabalho infantil e do trabalho adulto, e discutindo-se o “domínio do capital fictício”, que incorpora uma concepção de lazer impregnada dos valores *absolutos* do mercado e das “maravilhas” tecnológicas, voltadas para o controle virtual da realidade e para o tratamento da tecnologia nos limites da sua funcionalidade em relação ao aumento da produtividade e ao controle dos processos de trabalho.

Ao levantar a questão acerca da “democratização dos espaços de lazer” e/ou do desejo de uma “verdadeira emancipação humana”, Sadi (1999) ressalta a necessidade da discussão de um lazer crítico em contraposição ao lazer como mera mercadoria de consumo e, por extensão, à economia do sistema capitalista. Isso pode significar, também, a apropriação efetiva da tecnologia como parte das ferramentas do homem na sua busca de liberdade e autonomia em relação ao capital, já que é ele próprio quem a produz.

*

Nas abordagens apresentadas nos textos que compõem a produção acadêmica no período de 1989-1999, predomina a discussão sobre a perspectiva que considera a tecnologia em relação à sua aplicação aos

processos de produção, com o objetivo de aumentar a produtividade, junto às relações estabelecidas com o lazer e o trabalho. Assim, em que pese o fato de a tecnologia em si não ser considerada como prejudicial ao ser humano, o que aparece claramente nos estudos de Almeida Júnior (1997) e de Sadi (1999), a forma como ela é utilizada faria a diferença, provocando exclusão dos processos de trabalho e aumento de um suposto *tempo livre* que, a rigor, é um tempo de desemprego, no qual a possibilidade de lazer é descartada.

Discutindo a tecnologia como recurso aplicado aos processos de produção para o aumento da produtividade, na produção acadêmica registram-se considerações históricas, desde modificações no processo de trabalho, identificadas a partir da Revolução Industrial, como indica Gariglio (1995), passando pelas mudanças na formação profissional do trabalhador, tal como expressam Silva, P. (1997) e Werneck (1998), e pelo condicionamento dos movimentos corporais e do ritmo de suas ações em relação aos recursos utilizados, de acordo com Feres Neto (1996, p.115) – “na máquina ferramenta, o ser humano abandona a atitude ativa do artesão, que controlava todo o processo de criação do seu produto” –, Valente (1997) e Bruhns (1998), até a presença da tecnologia em todos os tempos e espaços socioculturais, das linhas de produção aos meios de comunicação de massa, no sentido de garantir a lógica da “reprodução ampliada do capital”, conforme indicado em Pires, G. (1997).

Assim, a ideia de que o emprego da tecnologia nos processos produtivos traria a possibilidade do aumento de *tempo livre*, e a de que esse tempo poderia ser ocupado com as atividades de lazer não estaria presente na prática. Nesta, sob a lógica da acumulação do capital, o aumento desse tempo constitui-se, não em lazer, mas no aumento do desemprego, da diferença entre classes “ricas” e “pobres” e na manutenção de um nível “suportável” de vida diante das “convulsões sociais”, que se delineiam a partir da necessidade de manutenção dos privilégios das classes dominantes diante do processo de mudança político-econômica e tecnológica, tal como indicado em Palafox (1997). Nesse contexto, a forma de utilização da tecnologia, no âmbito da formação social brasileira, estaria privilegiando o acúmulo de lucro para o capital, a *produção* de desemprego e dificultando a construção da cidadania.

AS ABORDAGENS DO TRABALHO NOS ESTUDOS DO LAZER (2000-2011)

A produção publicada na *Revista Licere* (1998), no período considerado a seguir, de 2000 a 2011, aponta na mesma direção encontrada no período anterior, ao observarmos posições e perspectivas que ora se aproximam, ora se afastam da corrente dominante apontada por Padilha (2006b), anteriormente. A própria autora, obviamente, aparece como parte de um coletivo que faz uma abordagem *na contramão da corrente dominante*, e em torno dos estudos desse coletivo de orientação marxista é que se pretende apontar algumas alternativas de análise em torno do debate acerca das questões do lazer e, no desenrolar dessas discussões, das abordagens do trabalho nesse contexto.¹⁵ Nelas, tal como podemos verificar a seguir, os

¹⁵ Conferir nota anterior em relação ao coletivo publicado em Padilha (2006a).

avanços ou possibilidades de avanço mantêm-se tal como foi verificado no período investigado anteriormente.

Os textos apresentados tratam da temática relacionada ao lazer, considerando que “nem todo trabalho é ‘ruim’, nem todo lazer é ‘bom’, ou seja, se na sociedade capitalista o trabalho aliena e se o lazer é fruto desta mesma sociedade, o lazer também pode alienar” (PADILHA, 2006b, p.12). Numa associação rápida em relação aos indicativos encontrados no estudo de Pinto (2004), no qual a autora investiga os “sentidos e significados de tempo de lazer na atualidade” junto a jovens belo-horizontinos e no qual evidencia alguns aspectos acerca do lazer desses jovens e fornece outras pistas, são evidentes, por exemplo, as relações que podemos estabelecer nas diferenças de classes sociais entre os jovens sujeitos da pesquisa daquela autora.¹⁶ É nessa direção que aponta Padilha (2006, p.12), ao ressaltar que um elemento característico das abordagens utilizadas nos textos reunidos no livro considera

[...] a sociedade formada por classes sociais distintas, cujas condições materiais de existência determinam a existência, assim como a forma de lazer de cada classe. Não há o mesmo lazer para todos, ainda mais porque, na sociedade capitalista, tudo é potencialmente transformado em mercadoria, inclusive o lazer que passa a ser comprado e vendido no mercado.

E na dialética de abordagem do lazer expressa nos textos vai se tratar, entre outras temáticas, do trabalho e das suas perspectivas de abordagem e de concretização em relação à realidade de acumulação do capital e de intensificação da exploração da força de trabalho; do corpo e de como o ser humano estabelece ou tem estabelecidas suas referências em relação a uma determinada concepção estética diante de um determinado conjunto de práticas corporais na modernidade; de consumo, de *shopping center* como local de ocupação do *tempo livre* a indicar a submissão do lazer ao mercado; de políticas públicas de lazer e de educação na utilização do espaço das escolas para suprir a demanda social por lazer; de Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e “uma proposição de política coletiva de lazer em uma cooperativa do programa de Reforma Agrária” (PADILHA, 2006b, p.15-17).

Enfim, os textos fornecem, sem dúvida, a possibilidade de contrapor um olhar diferenciado em relação à corrente dominante no que diz respeito, não só ao lazer, mas à vida humana em seus variados âmbitos, dos quais o lazer, a educação e o trabalho, obviamente, fazem parte.

¹⁶ Utilizando Grupos Focais como parte de sua metodologia de pesquisa, na realização de um deles, Pinto (2004, p.43-44) destaca que o grupo de jovens considerado caracteristicamente com maiores condições socioeconômicas tem sua referência de identidade de tempo de lazer marcadamente construída pela convivência na escola. Esse “achado de pesquisa” da autora indicou o trato do lazer como parte das propostas de ensino das escolas da rede privada de ensino, frequentadas pelos jovens na região considerada para a pesquisa, como tema de ensino na disciplina Educação Física e/ou como tema de estudos interdisciplinares integrados aos programas curriculares dessas escolas. Isso levou a autora, por outro lado, à investigação da situação encontrada nas “camadas mais empobrecidas da região, que também estivessem educando para o lazer”, o que mostrou que as iniciativas no sentido do trato com o lazer estão ligadas a projetos e programas sociais executados pelo Estado e por ONGs, identificando-se ainda uma iniciativa de universitários de Educação Física que cumpriam estágio na região de moradia desses jovens.

Voltando à produção investigada na *Licere* (1998), como já apontado anteriormente, o quadro geral de análise em relação ao período de 1989-1999 mantém-se, tanto no que diz respeito a Marcellino (e seus estudos) como o autor que predomina em relação ao maior número de referências apontadas, quanto em relação aos tipos de abordagens do trabalho no período 2000-2011. A produção publicada nesse período aponta na direção de um corpo maior de estudos dos autores que assumem posições e perspectivas que se afastam da corrente dominante apontada por Padilha (2006b).

Considerando as formas de abordagem do trabalho já apontadas no período anterior, foram selecionados 16 artigos, a partir dos quais foram feitas as considerações que se seguem, nos limites deste artigo. O que se observa é que se mantêm as abordagens do *trabalho produtivo* e do “*novo*” *trabalho produtivo* e do *trabalho como ação humana concreta*, praticamente nos mesmos termos e referenciais de análises e críticas encontrados no período anterior (GUIMARÃES, 2001). Esta última forma de abordagem ainda como uma possibilidade desejada, mas não alcançada, e aquelas primeiras como o que realmente se supõe encontrar na realidade, forma a ser criticada e superada na direção de um *dever* que talvez já exista, uma vez que a produção considerada não apresenta avanços na direção de investigar a fundo a ação humana concreta, seja no lazer ou no trabalho, naquilo que ela constrói de sentido e significado para esses dois âmbitos que, a rigor, aparecem ora em oposição, ora em contraponto, ora integrados um ao outro e, particularmente, a partir da análise da dimensão tempo.

O QUE INDICAM, AFINAL, AS PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM NO PERÍODO

Lavoura, Schwartz e Machado (2008) abordam os esportes de aventura (canoagem e *mountain bike*) a partir de relatos verbais e da técnica de história de vida. Ao tratar dos aspectos do medo, do enfrentamento do desconhecido, da diversão, da sociabilidade, da vivência do risco, entre outros aspectos presentes nas atividades abordadas a partir de entrevistas com 5 praticantes de cada modalidade, o entendimento dos autores acerca do trabalho, valendo-se das ideias de Mascarenhas (2006) na “discussão sobre lazer e ócio” e para as relações que estabelecem entre ser humano e natureza, é de que

a cultura do trabalho ainda torna o ser humano prisioneiro do reino das necessidades, assim como o desenvolvimento desigual e injusto do capitalismo impera, declaradamente, a dependência do produtivismo ao tempo, o que “[...] **implica a completa colonização do tempo livre pelo trabalho**” (MASCARENHAS, 2006, p.83 *apud* LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008, p.3; grifos nossos).

Dessa forma, configura-se o indicativo de uma provável colonização do tempo de lazer pelo trabalho e sinaliza-se a importância da dimensão do tempo nesse contexto.

Ao voltarem o olhar para a realidade dos sujeitos entrevistados, os autores ressaltam vários aspectos sensoriais abordados nas práticas desses sujeitos, levando em conta, particularmente, o imaginário implícito que essas práticas alimentam e provocam, situadas num tempo que, para além da colonização indicada, parece remeter a outras dimensões do humano. Nelas, o trabalho de qualquer tipo não parece figurar, ainda que seja inerente à ação humana

concreta e esteja presente na constituição das condições para as práticas de esportes de aventura com caiaques nas águas e com bicicletas pelas trilhas e montanhas.

Armas e Inácio (2010), ao se deterem na mediação do lazer entre os seres humanos e a natureza por meio da prática do montanhismo, colocam a seguinte questão: “Os aspectos do mundo do trabalho se transferem para o mundo do lazer?” Nas considerações que fazem do trabalho como mediação, consideram que “o sistema capitalista, portanto, cinde o trabalho entre o trabalho concreto, aquele que constitui o ser social e ‘que cria coisas socialmente úteis, que transforma criador e criatura’” (INÁCIO, 1997a, p.18 *apud* ARMAS; INÁCIO, 2010, p.6)

e o trabalho abstrato, desprovido de sentido, produtor de mercadorias – ou valores-de-troca, objetivamente e que é permeado pela alienação do trabalhador. Assim, anteriormente, o ser humano produzia valores de uso para suprir suas necessidades básicas e as da comunidade a qual pertencia, realizava-se através do seu trabalho e, o produto deste reconhecia como sua criação. Contudo, no sistema capitalista, passa a produzir valores de troca, produtos externos e que a ele não pertencem, através do trabalho estranhado e alienado. Esta configuração do trabalho abstrato vem sendo a forma predominante de o ser humano subsistir, pautada na lógica do capital (ARMAS; INÁCIO, 2010, p.6).

Percebe-se, obviamente, a abordagem crítica ao trabalho produtivo e o indicativo do devir na realização da uma ação humana de trabalho concreto. No desenrolar das considerações em relação à prática do montanhismo, em que se discute a relação dos seres humanos com a natureza mediada pelo lazer, os autores reforçam a posição, acrescentando o que pensam Marcassa e Mascarenhas (2005, p.257), já citados aqui anteriormente, no que diz respeito à subordinação do trabalho às necessidades imediatas, seu estranhamento em relação a quem o produz e o conseqüente papel de compensação e até reprodução desse tipo relação por parte do lazer. Mas não é o lazer nem o trabalho que “(re)produzem” essas relações, mas sim os seres humanos por trás desse trabalho e desse lazer.

Os autores seguem e lançam mão de 5 entrevistas junto a praticantes de montanhismo, abordando questões que passam pelo prazer, pelo risco inerente à atividade, pelas relações lazer e trabalho, pelo aspecto da aventura, entre outros, e, ao concluírem, retomam o conceito de natureza de Marx (2006b) que “diz que o ser humano está incorporado à Natureza, visto que são interdependentes; entretanto, a sociedade do Capital promove a dissociação entre estas partes” e, apoiados em Marcuse (1982), indicam que é possível “estabelecer que a mesma relação capitalista de exploração e dominação dada entre seres humanos ocorre também na Natureza” (ARMAS; INÁCIO, 2010, p.25).

A partir daí, estabelecem algumas sínteses de pesquisa e afirmam que

é possível também inferir que a contradição entre seres humanos e Natureza se origine/origina na/a contradição existente no trabalho alienado realizado pelos seres humanos. Isto posto, de fato, o lazer alienado será consequência de trabalho alienado. Todavia, em nenhum momento os montanhistas entrevistados apontam algum tipo de relação de sobrepujança, dominação ou hierarquia sobre o meio ambiente em que praticam o montanhismo. Ao mesmo tempo em que, em alguns momentos, essa prática de aventura na Natureza serve para a manutenção de valores da sociedade do capital, em outros momentos, promove a liberdade e a sensibilidade do ser humano (ARMAS; INÁCIO, 2010, p.26).

Se assim é, como explicitar a contradição indicada diante da afirmação de que, “de fato, lazer alienado será consequência de trabalho alienado” (ARMAS; INÁCIO, 2010, p.26)? É, quem sabe, um indicativo de que é preciso ir mais a fundo, procurando, indicando e (por que não?) construindo outros referenciais necessários às investigações realizadas.

Mascarenhas (2000b, p.76) já adiantava parte do entendimento que se mostra aqui acerca do trabalho produtivo e da crítica a ele, ao afirmar que

o que devemos entender é que o trabalho, nas diferentes formas que o capitalismo lhe tem conferido, vem sendo reduzido a mera atividade vital, cuja única e exclusiva orientação ainda é a subsistência garantida sob a forma de salário.

O autor arremata dizendo que “o trabalho não mais permite a possibilidade de afirmação pessoal, mas nos aprisiona junto ao impulso vital das necessidades imediatas” (MASCARENHAS, 2000b, p.76), depois de recorrer a Marx (1998, p.157) no sentido de que, neste modo de entendimento, “o trabalho deturpa de tal maneira as coisas que o homem, por ser um ser consciente, não utiliza precisamente sua atividade vital, sua essência, senão como instrumento de sua existência”.

Ou seja, na leitura do autor, não é possível viver outra dimensão da vida humana se as necessidades mais básicas e imediatas não forem atendidas. Mas qual seriam mesmo elas? E em que medida se define quem as vai, se é que vai, determinar para um ou outro coletivo, para um ou outro sujeito? O entendimento é de que,

mesmo considerando o papel de centralidade que o trabalho produtivo ocupa em nossa sociedade com o recente processo de “desindustrialização” e “desproletização”, nossa noção de classe trabalhadora deve ser ampliada incorporando o trabalhador desempregado, precarizado, subcontratado, parcial, temporário, terceirizado, informalizado, doméstico, domiciliar, individual, prestador de serviços etc. (MASCARENHAS, 2000b, p.81).

O autor segue discutindo a possibilidade de um outro tempo, talvez um “tempo das necessidades” e considera que “não havendo para muitos a possibilidade de trabalho, o que resta fazer é ter com outros nas ruas, esquinas e lixões para, de mãos vazias ou de arma na mão, continuarem vivos” (MASCARENHAS, 2000b, p.84). E complementa, anunciando que,

em resumo, esta nova ideia de um tempo das necessidades a que me refiro compreenderia todo o tempo dedicado a qualquer atividade – e a principal delas ainda é o trabalho – que se concretize na vida do indivíduo procurando responder ao conjunto de suas necessidades físicas e materiais (MASCARENHAS, 2000b, p.84).

Ocorre que a dimensão do tempo é fugaz e pouco palpável, seus limites são fluidos e pouco perceptíveis, a não ser pelo sujeito em si, ele mesmo ali na sua construção cotidiana (sua e do coletivo a que pertence), ainda que submetido à disciplina mecânica e rigorosa do tempo de trabalho.

Concluindo, o autor chama a atenção para o que seria *outra conversa*, no sentido de que “a luta esteja presente nos limites de nossa prática social e concreta como agentes de lazer/educadores, onde devemos procurar articular esta mesma discussão ao trato pedagógico com os conteúdos do

lazer". Faz isso partindo de Freire (1983),¹⁷ afirmando que continua a ouvir suas utopias, na perspectiva da necessidade ontológica de esperança.

É na ontologia do ser social que Polato (2004) e Custódio *et al.* (2009) vão buscar subsídios e contribuições para os estudos do lazer e para sua análise a partir da antinomia lazer e trabalho e da discussão sobre liberdade e necessidade.

Polato (2004), nas suas reflexões sobre o lazer e as contribuições da ontologia do ser social nesse sentido, tem "as formulações marxianas como base de análise" acompanhadas de dois pressupostos:

1. Que a categoria lazer, assim como a categoria trabalho "são formas de ser, determinações da existência," são, portanto, ontológicas;
2. Que para compreensão de tais fenômenos devemos seguir do mais complexo para o mais simples e não o contrário, pois "a anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco e não o contrário" (POLATO, 2004, p.55).

Define-se, portanto, o trabalho como

dimensão ontológica do ser social, pois é através dele que o homem realiza sua intenção na natureza. Essa intenção é modificada no processo ao mesmo tempo em que a realidade é transformada. Essa atividade representa, ao mesmo tempo, a generalização do indivíduo no social e a singularização do social nesse indivíduo, representa, sociabilidade. No entanto, não devemos simplificar o trabalho a uma simples objetivação de uma vontade. Há que se lembrar que em seu processo participam também, além da atividade orientada, os meios de produção, os objetos de trabalho e objeto trabalhado (produzido) (POLATO, 2004, p.55).

Sendo o trabalho definido dessa forma, assim como o lazer também é, de acordo com os pressupostos assumidos pela autora, cria-se um problema na distinção e/ou caracterização de cada um como ação humana concreta nos seus vários sentidos e significados, uma vez que, sendo ontológicos, o são no homem em si e é nas suas ações concretas que é possível vislumbrá-los. Então, como fazê-lo sem ir à realidade pulsante e concreta do cotidiano? Como perceber as nuances do que é e do que não é lazer e/ou trabalho? Para a autora,

não é necessário uma análise muito rigorosa dos autores que discutem o lazer para perceber a relação existente e estabelecida entre o lazer e o trabalho. **A compreensão do lazer ou do tempo livre apresentado nos estudos sobre o lazer corresponde, na sua totalidade, à ocupação de um tempo liberado do trabalho.** Sem a liberação das obrigações do trabalho não há como se pensar na existência do lazer. Porém, esta relação que parece ser de oposição, na verdade, é de estreita unidade (POLATO, 2004, p.61-62; grifos nossos).

Continuando, a autora recorre a Faleiros (1980) para explicitar seu entendimento de que

é no tempo de não trabalho que o indivíduo recupera a energia consumida no trabalho, produzindo novas energias e novas necessidades, com isso, nova produção. Assim, **podemos afirmar que as formas de lazer estão relacionadas às necessidades humanas e às suas atividades dentro e fora da esfera de produção** (POLATO, 2004, p.62; grifos nossos).

A discussão gravita então em torno da dimensão do tempo, e do tempo *de trabalho* ou tempo *de não trabalho*, indicando que o trabalho é ontológico e central e que o lazer não chegaria a tanto, ainda que o pressuposto tenha

¹⁷ O texto original do autor indica a referência, aparentemente equivocada, como Freire (1997).

sido explicitado anteriormente, sem ir direto ao lazer, mas abordando-o a partir do trabalho. Se têm, os dois, o caráter ontológico, por que só abordá-los na dimensão do tempo? E apenas do tempo *de trabalho* e *de não trabalho*? E que outras dimensões haveria, afinal?

Custodio *et al.* (2009) seguem essa mesma trilha, discutindo liberdade e necessidade, lazer e trabalho numa antinomia a ser analisada na direção de “ajuizar a indissociabilidade entre liberdade e necessidade” (p.3). Discutem *lazer e liberdade*, afirmando que,

tanto no denominado “reino da necessidade” como no “pseudo-reino da liberdade” – isto é, no tempo livre –, o lazer opera na criação das falsas necessidades. Sobre isso, Lafargue – em sua clássica obra de 1881, *O Direito à Preguiça* – já demonstrava que a criação de falsas necessidades e da obsolescência programada das mercadorias é uma das formas para solucionar o problema da superprodução de mercadorias (CUSTODIO *et al.*, 2009, p.7).

Ora, se se afirma isso do lazer, qual seria então a relevância de colocá-lo em debate? Aqui, diferentemente do que afirma e defende Polato (2004), o lazer não é ontológico, está vinculado à ontologia fundamental do trabalho na existência do ser social. Os autores revelam que pretendem, na verdade,

demonstrar que, mesmo no campo daqueles que se colocam numa posição crítica, algumas ambiguidades em relação à compreensão de trabalho se fazem presentes. Muitas vezes, ao que parece, tem sido tomada a manifestação do trabalho alienado como o equivalente a trabalho em geral. Destarte, não há possibilidade de se ver a liberdade também no âmbito do trabalho. Por conseguinte, cabe problematizar o tema da liberdade e da possibilidade de sua realização. Para tanto, **é necessário reconhecer a centralidade ontológica do trabalho, pois a sua análise nos demonstrará que o “reino da liberdade” só pode ocorrer tendo como base o “reino da necessidade”, e não em oposição a ele** (CUSTODIO *et al.*, 2009, p.7-8).

Contraditoriamente, como a realidade em si, a atividade humana no geral, e praticamente tudo o que resulta das relações sociais, a considerar lazer como “liberdade” e trabalho como “necessidade”, é em oposição que se estabelecem, se um tem o outro por base, já que seria preciso saber das várias *necessidades* a que o ser humano está exposto. Não seria mais interessante pensá-los e procurá-los nas ações humanas em progresso na realidade? E, de novo, como fazê-lo? Ao afirmar que “o lazer hoje, como é concebido, grosso modo, acaba por legitimar o trabalho alienado, pois a genuína liberdade, que tem sua gênese ontológica no trabalho, não pode ser alcançada na e através das práticas do lazer” (CUSTODIO *et al.*, 2009, p.16), parece que os autores estão reduzindo a ação humana a uma única alternativa cujo modelo afirma o trabalho como central sem oferecer alternativas e referenciais de análise e de intervenção da/na realidade para permitir enfrentar as várias nuances de *necessidades* enfrentadas pelo homem na sua vida cotidiana. Nas considerações finais dos autores isso pode ser verificado, ao afirmarem que,

predominantemente, o trabalho permanece atado à esfera da necessidade, mas observa-se que é justamente no e pelo trabalho combinado, cuja organização e finalidades são coletivamente reguladas, que os homens poderão se ver progressivamente afastados de suas necessidades mais imediatas, entregando-se à livre fruição das experiências lúdicas e estéticas. **Como princípio central e fundante da vida humana, o trabalho tanto antecede práticas como a arte, a música, o ócio, o lazer etc., como as torna possíveis** (CUSTODIO *et al.*, 2009, p.19; grifos nossos).

Uma vez superadas, progressivamente, as *necessidades mais imediatas*, seria possível, de fato, fruir as experiências lúdicas e estéticas? Que necessidades seriam essas, exatamente, numa dada situação e para um dado sujeito e/ou coletivo? Seriam essas mesmas para outrem, ainda que consideradas as diferenças de classes sociais e suas contradições inerentes e inesperadas? Numa mesma classe social seriam as mesmas? De novo, a discussão vai para a dimensão do tempo, pois,

quando superadas as barreiras entre tempo de trabalho e tempo livre, veremos uma sociedade inteiramente nova. E aí, seja qual for a expressão conceitual daquilo que se poderá vivenciar no tempo livre, o ócio, a educação, a arte, o lazer etc., uma coisa é certa, será uma prática social essencialmente ligada aos interesses humanos, porque o trabalho igualmente o será (CUSTODIO *et al.*, 2009, p.19).

AS ABORDAGENS DE TRABALHO EM ESTUDOS CULTURAIS E DO COTIDIANO: ABERTURAS?

É também a dimensão do tempo que aparece em Almeida, Gutierrez e Marques (2008), que discutem *o lazer como objeto das ciências humanas* e afirmam

que o lazer é parte intrínseca da evolução da sociedade capitalista, nasce pela necessidade da dinâmica produtiva, da racionalização do tempo e da individualização das pessoas. **Parte do processo de incorporação dos meios de produção e desenvolve-se como antítese do trabalho**, porém trabalho e lazer são sínteses de um mesmo fato social (ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2008, p.12; grifos nossos).

O fato social seria então a possibilidade de o lazer ser *objeto interpretativo da sociedade, antítese temporal do trabalho produtivo*, tal como indicado pelos autores.

Na “linha do tempo” permanecem Silva e Silva (2011), apresentando a problemática da tecnologia na discussão das possíveis aproximações entre lazer, trabalho e consumo. As autoras indicam “as mudanças no mundo do trabalho, especificamente, decorrentes das inovações tecnológicas e organizacionais, concebem uma nova forma de regular o tempo de trabalho e o tempo de não trabalho” (PADILHA, 2000), o que seria potencializado pela *internet* como ferramenta recaindo sobre o trabalho e o lazer em discussões que “se relacionam entre si frente a uma ética desafiadora”, tomando por base o estudo de Brown (2008). Ressaltam, entretanto, o que indicam Silva e Gonçalves Júnior (2009), no que diz respeito ao fato de que a centralidade do trabalho pode não ser a da prática social na vida humana como única finalidade, mas um fenômeno tal como o lazer e a educação.

Em Pereira e Silva (2010) encontramos um estudo de caso da vivência do lazer sob uma perspectiva histórica no município de Montes Claros, Minas Gerais. Nele, os autores indicam a opção de análise do lazer em relação ao trabalho e indicam que

durante muito tempo, as discussões sobre lazer pautaram-se na dicotomia lazer/trabalho, ou tempo disponível/tempo de obrigação. Nas últimas décadas, novas abordagens surgiram, como a retomada de autores clássicos da sociologia, Norbert Elias e E. Palmer Thompson, por exemplo, e a busca do entendimento do lazer a partir da dimensão do prazer que ele pode proporcionar. Apesar da busca de outros parâmetros de análise, **pensamos que analisar a vivência do lazer com relação ao trabalho, pois se esta não é a única maneira de se discutir o lazer é, sem dúvida, uma das possibilidades interessantes de se estudar o fenômeno. Além disso,**

estes novos caminhos metodológicos e teóricos não necessariamente superam outras interpretações, mas podem, sim, fornecer novos modelos de análise para o fenômeno social do lazer (PEREIRA; SILVA, 2010, p.2; grifos nossos).

Explicitam, em seguida, o destaque às ideias de Dumazedier (1980) na perspectiva clássica de entendimento do lazer e às considerações de Mascarenhas (2005, p.140), que afirma que o lazer constitui, cada vez mais, uma mercadoria esvaziada de conteúdo e que, assim, embala o *capitalismo avançado*. A posição dos autores é, basicamente, o que se encontra na produção analisada aqui, partindo da perspectiva de que a forma de trabalho a considerar é o trabalho produtivo, já que é mesmo em relação à vida produtiva da população pesquisada por eles que o estudo proposto se desenvolve. E escrevem:

a sociedade atual possui centralidade no trabalho. As relações sociais, os modos de vida, os desejos pessoais e, por que não dizer, o lazer, possuem estreita relação com a vida produtiva, mesmo que, muitas vezes, esta relação provoque perda de sentido nas ações que escapam à lógica da vida laboral (PEREIRA; SILVA, 2010, p.3),

e fazem referência a estudo realizado por Ribeiro, Almeida e Gomes (2006) com idosos asilados, que “apontou a forte presença de um sentimento de inutilidade nesta população devido ao afastamento da vida produtiva. Tal sentimento dificulta e pode até mesmo impedir a plena fruição do tempo livre (PEREIRA; SILVA, 2010, p.3).

Um pouco desse caráter de mercadoria conferido e/ou incorporado ao lazer pode ser percebido também quando se lida com a dimensão do prazer que ele pode proporcionar e a ideia de trabalho atrelada a esse quadro acaba sendo alienante. Uma passagem de Pimentel e Lara (2009), em que tratam da poética musical, do lazer e do cotidiano e fazem isso a partir da análise de letras de música, ilustra bem esse quadro. A letra de música é de *Ouro de Tolo*, de Raul Seixas e Paulo Coelho, que trata da história de um sujeito empregado, de classe média, morador de Ipanema e que pode ir de carro com a família ao zoológico e que, lá pelas tantas, fala consigo mesmo do fato de que devia estar feliz pela concessão divina que lhe permitia a condição tão boa para, em seguida, dizer que, na verdade, era um chato e achava aquilo tudo “um saco”.

Na análise da letra, os autores recorrem a Merengué (2002) para indicar que o sonho se revela como

um paradoxal pesadelo: quando finalmente se chega a uma organização social na qual o indivíduo pode ser o que quiser, ele fica preso na rede dos modos de vida. Por isso, **o trabalho acaba sendo meramente uma busca por recursos a serem exibidos em lazes prestigiosos e caros, mas previsivelmente redundantes** (PIMENTEL; LARA, 2009, p.8).

Essa dimensão da mercadoria e de como se torna difícil lidar com o cotidiano e com as conquistas tão almejadas e que, no final das contas, não é tudo o que se esperava, aparece em outras letras analisadas pelos autores, mas não é um aspecto central percebido no cotidiano. Está inserido num contexto em que a perspectiva dominante de uma forma de trabalho produtivo, sem muito sentido na maior parte do tempo, acaba por facilitar e produzir quadros como o exposto na letra de *Ouro de Tolo* e que se juntam a outros, quando se aborda a violência urbana, por exemplo. A letra é de

Domingo no Parque, de Gilberto Gil, [que] apresenta três personagens – João, José e Juliana – em um parque de diversões. Mas essa atividade de lazer não está desatrelada das outras esferas da vida, em especial do trabalho. **José – o rei da brincadeira – trabalha na feira; João – o rei da confusão – na construção.** Juliana, cobiçada pelos dois amigos, é vista por José em companhia de João na roda gigante. A estória é concluída com um crime passionai (PIMENTEL; LARA, 2009, p.12; grifos nossos).

Ao perscrutar o cotidiano através da *poética musical*, os autores explicitam uma ideia de trabalho que ora limita-se ao produtivo, ora toca o limiar de uma vida com mais significado no trabalho e no lazer. Resta então seguir a trilha e ir ao cotidiano em si e verificar as insatisfações e os acontecimentos trágicos por trás desse imaginário sensorial expresso nessa poética.

Pelas mãos de OLIVEIRA, P. (2001), uma sensível “leitura vivida” de Simone Weil¹⁸ acerca do cotidiano de trabalho numa fábrica revela a “artificialidade da separação entre trabalho e lazer” e nos ajuda nas sugestões e indicativos de enfrentar o problema que está posto, no que diz respeito a mergulhar-se, compreender, incorporar, enfrentar, criticar, intervir, sugerir e colaborar nas mudanças do cotidiano e da realidade que nos propomos a viver e pesquisar.

O pensamento deve estar constantemente pronto ao mesmo tempo para seguir o curso monótono de gestos indefinidamente repetidos e para encontrar em si próprio recursos para remediar o imprevisto. Obrigação contraditória, impossível, exaustiva. O corpo está às vezes esgotado, de noite, à saída da fábrica, mas o pensamento está sempre esgotado, mais ainda que o corpo. Quem passou por esse esgotamento e não o esqueceu, pode reconhecê-lo nos olhos de quase todos os operários que desfilam à saída da fábrica. **Que bom seria poder depositar a alma, à entrada, no cartão de ponto e retomá-la, intacta, na saída! Mas é o contrário que se dá. Ela vai com a gente para a fábrica, onde sofre: de noite este esgotamento como que a anulou, e as horas de lazer são inúteis.** (Experiência da vida de fábrica) (WEIL, 1996 *apud* OLIVEIRA, P., 2001, p.22; grifos nossos).

Inúteis porque não poderiam restituir a integridade do humano, dilacerada pelo tipo de atividade de trabalho, que invade e se apropria do que seria lazer, âmbito no qual também podemos anular nossas possibilidades expressivas. Há um entrelaçamento não passível de rompimento nos vários aspectos e dimensões do humano e que envolve trabalho, lazer, vivência lúdica da vida e, sobretudo, a procura de manter a integridade dessas dimensões. E essa artificialidade da separação trabalho e lazer se manifesta exatamente aí, no ser humano que se constrói nessas dimensões integradas. Há, entretanto, o dilaceramento provocado por aquele tipo de atividade de trabalho (ou de lazer) que promove o rompimento com essa integridade.

Para além do contexto vivido numa fábrica de sua época, com as condições inerentes a ela, ainda assim podemos considerar as reflexões de Simone Weil refletidas e calçadas no contexto atual, no qual ainda perduram (em formatos mais palatáveis talvez?) condições que, se não são as mesmas, equivalem-se. São outras as condições, mas permanecem com o mesmo tipo de objetivo de vergar o ser humano à exploração, no sentido do seu embrutecimento, de precarização das suas condições de vida, de exacerbação do volume de trabalho a que é submetido, de predomínio do aspecto financista nas relações sociais, de exigências extremas de produção, esta mesma, fragmentada, setorizada e acrescida cada vez mais de recursos

¹⁸ Ela escreveu a uma aluna: “É que a realidade da vida não é a sensação, é a atividade – refiro-me à atividade tanto no pensamento quanto na ação” (WEIL, 1996 *apud* OLIVEIRA, P., 2001, p.23).

tecnológicos cujo objetivo principal é o controle e a disciplinarização do trabalho na produção.

Por ter experimentado na pele toda a força dramática do que escreve, **Simone alerta para a superficialidade da bandeira da redução das horas de trabalho. Quem suportaria ser escravo apenas algumas horas e conseguiria ser sujeito de sua história no período restante?** A fragmentação dos tempos atende à lógica da produtividade capitalista, não as necessidades da condição humana. [...] Uma compreensão menos imediatista da sociedade iria promover atividades produtivas à altura das necessidades sociais e, simultaneamente, da especificidade do que convém ao gênero humano. Se os números são reais, os sofrimentos – embora palpáveis e intradutíveis nas cifras – também o são. Ilusão pensar que algum lazer restaurador ou compensatório desse conta deste complexo cenário. **O problema de como conciliar as necessidades sociais da produção com as necessidades humanas está a exigir de todos nós uma atenção mais detida. A questão posta por Simone Weil permanece até hoje sem resposta** (OLIVEIRA, P., 2001, p.27-28; grifos nossos).

Parte desse problema, cuja resposta ainda precisa ser construída, inclui o *trabalho infantil*, outra temática abordada pela produção investigada. Nela, Silva, M. (2001) vale-se “dos pressupostos dialéticos da Sociologia da Vida Cotidiana”, de Heller (1994), e da “relação dialética entre a pobreza da vida cotidiana (alienação, conformismo) e a *riqueza da vida cotidiana* (resistência, transgressão, emancipação)”, em Lefebvre (1958), para discutir a exploração do trabalho infantil nas suas relações com o lazer/lúdico. Explicita os vínculos fundamentais do trabalho infantil sob a égide do neoliberalismo, particularmente em relação ao furto de parte da vida do ser humano, comprometendo a sua escolarização, anulando suas possibilidades de desenvolvimento sociocultural e cognitivo, de vivência do lúdico e da infância em si.

Grosso modo, **pode-se afirmar que o trabalho infantil é uma forma de *estranhamento*, que se impõe enquanto fator de dominação sobre o trabalho humano**, constituindo-se na *objetivação da vida genérica do homem*. Refere-se, portanto, a alguma forma de perda, de privação, por parte de um sujeito-criança, representando assim um desgaste de suas faculdades físicas e da mortificação dos demais campos da experiência humana (cultural e intelectual) (SILVA, M., 2001, p.12; grifos nossos).

O autor segue discutindo o trabalho infantil e alguns dos “sentidos do lazer/lúdico na infância”, justificando que o uso da

expressão *lazer*, aplicada à infância, justifica-se dadas as similitudes da inserção da criança e do trabalhador adulto no processo produtivo: relações desumanas de trabalho, extensas jornadas de trabalho, sub-salários de miséria, etc. (SILVA, M., 2001, p.15).

Ele ainda ressalta que

em linhas gerais **acredito que o *lazer* é diametralmente oposto ao lúdico, uma vez que a racionalidade econômica capitalista opõe-se radicalmente aos valores ontológicos e éticos do lúdico, a saber: liberdade, gratuidade, criatividade, fantasia, mistério etc.** A lógica capitalista pressupõe de forma determinante e hegemônica o objeto no lugar do sujeito, a mercadoria, a opressão, enfim a objetivação do ser humano. O lúdico, em contrapartida, prioriza o sujeito construindo o objeto e se reconhecendo e espelhando-se neste para, desta maneira, construir as bases materiais do prazer e da felicidade humana (SILVA, M., 2001, p.15; grifos nossos).

Ao concluir suas reflexões, o autor afirma “o lúdico como transgressão”, como possibilidade de contribuição das crianças para as lutas dos trabalhadores adultos, no sentido de reverter a lógica de exploração do capital sobre o

trabalho e aponta que não é possível uma saída enquanto estivermos “imersos nas tramas de políticas *sociais* carentes de políticas *públicas*” (SILVA, M., 2001, p.19).

Ilustrativo para a discussão da temática do trabalho infantil, uma passagem do estudo de Campos e Debortoli (2007) contribui para *tatearmos* um pouco da realidade em relação a isso. Os autores voltam o olhar para o trabalho das crianças nos sinais de trânsito de Belo Horizonte. Ao andarem pela cidade, encontram o que é realidade também em outras cidades brasileiras: “crianças trabalhando nos sinais de trânsito e em outros espaços como ruas, morros, praças, parques, ônibus, feiras, sinais de trânsito, etc.” (CAMPOS; DEBORTOLI, 2007, p.9). Nos ônibus, escrevem os autores, a presença das crianças “tem se tornado menos visível, talvez devido ao aumento de fiscalização e/ou das várias campanhas de sensibilização direcionadas a população. Mesmo raro, ainda é possível observar crianças trabalhando nesses espaços”. Em outros espaços como feiras de artesanato, por exemplo, é possível perceber um aumento no número de crianças trabalhando em funções variadas e em outros ainda,

como shows, espetáculos teatrais, cinemas, estacionamentos, entre outros, encontramos crianças trabalhando, desempenhando funções de vigias e lavadoras de carros ou até mesmo como referências para a compra e venda de drogas (CAMPOS; DEBORTOLI, 2001, p.9-10).

Verificam *in loco* o que Silva, M. (2001) já adiantava, anteriormente, e apontam na mesma direção em relação a alternativas de superação do quadro precarizado em relação às condições de vida das crianças.

Retomando parte das indicações de Mascarenhas (2006), citado por Lavoura, Schwartz e Machado (2008) acerca da “completa colonização do tempo livre pelo trabalho”, importa fazer referência ainda a Camargo (2009), que discute as perspectivas para o lazer diante do impasse da luta pela redução da jornada de trabalho no contexto brasileiro, ainda que Oliveira, P. (2001), na análise dos escritos de Weil (1996), nos tenha adiantado a posição crítica e contestadora da autora acerca da “superficialidade” dessa proposta de redução. Camargo (2009, p.23) afirma a visível centralidade do trabalho, da obrigação profissional nesse contexto, e recorre a Pronovost (1991) e Sue (1991) para evidenciar “o tempo de lazer tributário” do trabalho, uma “vinculação da sociologia do lazer tributária da do trabalho”.

Retomando Marcellino (2010), o autor indica alguns *equivocos* nas análises do lazer e do trabalho por parte dos autores marxistas e dos autores dos estudos do lazer, ao comentar análise de Marilena Chauí (1999) do contexto histórico em que foi escrito *O Direito à Preguiça*, de Paul Lafargue (1999), na qual a autora indica que Lafargue teve como inspirações os *Manuscritos Econômico-filosóficos* (1989) e o volume 1 de *O Capital* (1988). Pondera que importa observar que as duas obras de Marx (1988, 1989) citadas

contribuem para a análise do lazer quando se faz a relação entre “trabalho” e “não trabalho”. Isso pode ser observado em autores marxistas que geralmente comparam o trabalho ideal com o lazer concreto, e autores dos estudos do lazer que comparam o lazer ideal com o trabalho concreto (MARCELLINO, 2010, p.6).

Em estudo citado anteriormente, ao analisar a obra de Domenico De Masi,¹⁹ o autor já havia chamado criticamente a atenção para algo (MARCELLINO, 2004, p.81) que ele repete em Marcellino (2010, p.33), considerando que a principal contribuição do italiano, que “é apresentado como sociólogo do trabalho”, talvez

seja “desencantar” o conceito de trabalho e “valorizar” o conceito de ócio, e assim, de modo indireto, o de lazer. A grande questão é como isso é feito. Nesse aspecto, De Masi situa-se na contramão dos autores da Sociologia do Trabalho, que normalmente, sem conceituar o lazer, contrapõem, em sua análise, o lazer concreto, alienado, ao trabalho ideal, em contrapartida aos autores da Sociologia do Lazer, que em sua maioria, contrapõem o lazer ideal ao trabalho concreto, alienado. Somos partidários da comparação entre categorias concretas entre si e categorias do devir entre si. Só assim as comparações podem ser estabelecidas de fato (MARCELLINO, 2010, p.33).

O autor aponta as contribuições de Norbert Elias (1994) para os estudos do lazer “no que tange às rupturas com a dicotomia (trabalho-lazer), que alimentaram os estudos em sociologia. Para Elias, trabalho e lazer devem ser compreendidos na forma de suas interdependências” e ao constatar “a falta de uma teoria central do lazer, ou seja, um quadro comum de investigação que aborde o tema em sua totalidade” (MARCELLINO, 2010, p.31-32).

Indica as contribuições de Thompson (1981, 1987, 1998, 2002) e conclui chamando a atenção para o fato de que na “sustentação ao método enquanto relação entre teoria e prática”, considerado também como processo discursivo, os autores adotam ora abordagens funcionalistas e em outras vezes o fazem a partir de abordagens críticas, com base no materialismo histórico-dialético, e que, no caso dessas últimas, seriam “apenas ‘críticas’, ou crítico-criativas” (MARCELLINO, 2010, p.38).

Talvez fosse o caso de considerar que os avanços na pesquisa do lazer estejam no limite da criatividade de quem o estuda e que a queda de paradigmas dominantes e leis estabelecidas na área talvez seja “questão de tempo”, ou de relativização dele.

Piccolo (2009) discorda de Marcellino em relação a alguns pontos, ao discutir *a escola como ferramenta à educação para o lazer* partindo da pesquisa nas aulas de educação física. Defende a necessidade de que o lazer se transforme numa prática reflexiva e propõe uma redefinição da concepção de lazer que

ao invés de apenas criticar a sistematicidade das escolas, pense na possibilidade de sua transformação, ou seja, em construirmos uma nova escola que efetivamente seduza o universo de todos os alunos e possa formar efetivamente para o lazer (PICCOLO, 2009, p.9).

Contrapõe-se

à visão de Marcellino (2002) de que o lazer se corporifica como uma cultura vivenciada no tempo disponível e cujo principal traço definidor é seu caráter desinteressado. Lazer não é o mesmo que recreio (visto como folga), pois como aponta Werneck (2000, p.121), o conceito e a consequente prática do lazer envolvem

¹⁹ De Masi é autor de *A emoção e a regra* (1999) e *O futuro do trabalho* (2001), pelas Editoras J. Olympio/UNB; *A sociedade pós-industrial* (1999), pela Editora SENAC; *Desenvolvimento sem trabalho* (1999), pela Esfera Editora; e *O ócio criativo* (2000) e *A economia do ócio* (2001) (Editora Sextante).

a materialização de uma relação entre teoria e prática, enquanto no recreio a prática é mediada pela própria prática, temos apenas um fazer por fazer. Devido a estes elementos, nos recusamos a conceber as práticas de lazer como um movimento que se esgota pelo seu próprio fazer, enfim, pela contemplação desinteressada e ancorada univocamente no presente. Como qualquer atividade humana o lazer não se restringe a linearidade temporal, seu tempo é o tempo histórico. É passado, presente e futuro, sendo que, quando vivenciado criticamente, pode se constituir em um pôr teleológico em estado de devir (PICCOLO, 2009, p.30).

EM ABERTO

Para o espaço deste artigo, interessa evidenciar as abordagens de trabalho expressas na produção acadêmica brasileira sobre lazer, considerando os dois períodos indicados. Nesse sentido, consideramos que, ao longo do texto, foram evidenciadas as perspectivas presentes e indicada a permanência do quadro que se desenhava no período de 1989-1999, tal como expresso em Guimarães (2001). As abordagens do trabalho na produção analisada mantêm-se, com uma ou outra variação e um ou outro avanço em relação às críticas e análises, indicando o *trabalho produtivo* e o “*novο*” *trabalho produtivo* e o *trabalho como ação humana concreta*, esta última como uma possibilidade tácita nas análises do primeiro período considerado, de 1989-1999, e que aparece no período seguinte com mais evidência. Nesse quadro, situado no interior da produção acadêmica brasileira sobre lazer, importa indicar, ainda que resumidamente, as abordagens de lazer encontradas.

A produção acadêmica brasileira no período considerado, ao abordar o lazer, o faz, basicamente, a partir de três perspectivas: do lazer na perspectiva do lúdico e da vivência da cultura; do lazer como mercadoria de consumo; e do lazer na perspectiva do tempo de não trabalho.²⁰

Na primeira forma de abordagem do lazer, a perspectiva de uma vivência lúdica da cultura confere ao elemento lúdico a possibilidade de contribuir para a construção de um contraponto à lógica do trabalho alienado. Isso se dá pelas perspectivas revolucionárias que existem na construção de formas de vida mais criativas, inseridas num contexto que considera o que permitem as ações e atitudes lúdicas do ser humano: a possibilidade de criticar e transformar a realidade na qual se vive.

Para Lefebvre, é no interior das práticas de lazer e por meio delas que os homens, conscientemente ou não, realizam – na extensão de suas possibilidades – a crítica de sua vida cotidiana. Não quer ele dizer que todo lazer seja necessariamente questionador e sim que os homens almejam nos lazes algo que o trabalho ou mesmo a vida privada em família, do modo como estão organizados pela sociedade capitalista, dificilmente podem oferecer. Referia-se especialmente às aspirações da grande maioria, o enorme contingente de trabalhadores assalariados. E, **conforme Simone Weil já havia singularmente notado, as necessidades da produção econômica não são coincidentes com as necessidades humanas destes mesmos trabalhadores** (OLIVEIRA, P., 1997, p.12; grifos nossos).

Pode-se dizer que as possibilidades abertas nessa perspectiva, na qual a fruição da cultura constitui elemento fundamental, colocam o lazer como parte da ação humana concreta e transformadora, a qual procura a superação da

²⁰ Em Guimarães (2001, p.35-63) é possível vislumbrar uma análise mais aprofundada em relação a essas abordagens.

oposição criada entre o lazer e o trabalho, enfatizando suas características de totalidade e não fragmentação.

A segunda forma de abordar o lazer, como mercadoria de consumo, relaciona-se a um entendimento que parece situá-lo nos limites do consumismo, numa perspectiva acrítica e funcional do ponto de vista dos interesses de mercado. Isso não impede ou invalida, no entanto, a possibilidade de entendê-lo como parte de um contexto cultural, no qual ele pode se constituir, sim, numa possibilidade de consumo, mas de forma crítica. Essa forma de abordagem do lazer, juntamente com a terceira identificada, na qual o lazer seria considerado na perspectiva de um tempo de não trabalho, ocupa a maior parte do debate na produção acadêmica.

Às considerações presentes na produção, tendo como referência as de abordagem do trabalho encontradas, obviamente, articulam-se as abordagens do lazer como mercadoria de consumo no tempo de não trabalho. Nesse sentido, a produção estaria reforçando exatamente essas perspectivas de abordagem, uma vez que enfatiza suas descrições e análises. No geral, entretanto, as considerações encaminham-se para a crítica e para a proposição de alternativas que possam se contrapor a elas, ainda que algumas não o façam, efetivamente, no mesmo nível do objeto criticado.

Num contexto em que lazer e trabalho tendem a se tornar fetiches de mercado, acessórios um do outro, concretizar o avanço no debate e na tomada de providências para transformar a realidade é um passo bastante significativo. O quadro que se desenha, por força de uma lógica econômica totalizante, empresarial, de orientação neoliberal e que se torna "uma verdadeira e completa visão de mundo" (SILVA, T., 1999, p.82), merece a subversão, na prática, da escolha de suas cores e dos traçados pelos quais é composto.

Sendo assim, gostaria de acrescentar, ainda, algumas questões para todos nós que nos ocupamos de pesquisar o lazer e o trabalho, trabalhadores que somos: **(a)** Aceitamos o contexto tal como se apresenta ou optamos por ações práticas que tenham como referencial, não o pleno emprego e o trabalho como emprego/posto de trabalho, mas uma contralógica construída a partir das situações enfrentadas pelos sujeitos e do que a sua capacidade de criar e construir alternativas pode oferecer? **(b)** Aceitamos que o lazer e o trabalho se articulem em torno dos objetivos e valores do capital, da acumulação capitalista, ou que, na verdade, é essa crença que afasta a possibilidade de que se articule os dois em torno de uma busca radical de justiça social, de distribuição de renda, de respeito aos princípios de uma democracia menos representativa e mais humana? **(c)** Aceitamos que o lazer e o trabalho incorporem as ações que legitimam o *status quo*, ou procuramos denunciar e superar, nessas ações, as evidências de sabotagem a que são submetidas as pessoas na busca de liberdade, de emancipação, de autonomia? **(d)** Aceitamos que o lazer e trabalho, na prática, integram-se ou que são distintos e apartados da ação humana?

Os estudos do lazer no Brasil têm a década de 70 como um marco para a organização de um campo de estudos sistematizados e reúne uma produção

acadêmica cuja consolidação passa pelas iniciativas, desde a década de 20, de institucionalização da recreação na realidade brasileira, na qual

os princípios positivistas que influenciaram o nascer da República reforçaram o mito da racionalidade iluminista e destacaram a educação como um poderoso instrumento de reprodução e adestramento sociais. Este contexto estreitou relações entre Estado republicano, a escola e o modo de trabalho capitalista, influenciando a incorporação da recreação ao cotidiano brasileiro (GOMES; PINTO, 2009, p.70).

Essa incorporação, para além das políticas públicas propostas e implementadas, “era (e em alguns casos ainda é) uma estratégia social, cultural, educativa e política de ocupação e controle do tempo de não trabalho” (GOMES; PINTO, 2009, p.74). Essa marca perpassa a institucionalização do lazer no Brasil e ajuda a explicar, em parte, o entendimento de trabalho que se articula a ela, atualmente, e expressa no rápido quadro traçado na investigação apresentada aqui. Nela, consideramos como fundamento de pesquisa a visão dialética do real, pela qual se defende, entre outros princípios, o caráter histórico, social e prático do conhecimento.

No método dialético o pensamento busca ir além do mundo fenomênico da aparência através de um processo de conhecimento em espiral e que não é mera contemplação, mas criação – construção – que visa ao acesso progressivo e relativo à “coisa em si”. [...] O conhecimento é, em síntese, um processo de concretização que se movimenta do fenômeno para a essência e desta para o fenômeno, do todo para as partes e destas para o todo, da totalidade para as contradições e destas para aquela (OLIVEIRA, M., 2000, p.50).

Lançar mão da dialética implica, pois, considerar que tanto o objeto de estudo como o pesquisador, o projeto, a pesquisa propriamente dita e o seu próprio relato estão inseridos numa realidade, cujo caráter conflitivo, dinâmico e histórico constitui um pressuposto para as transformações. Nesse sentido, a produção científica, aqui,

é uma construção que serve de mediação entre o homem e a natureza, uma forma desenvolvida da relação ativa entre o sujeito e o objeto, na qual o homem, como sujeito, veicula a teoria e a prática, o pensar e o agir, num processo cognitivo-transformador da natureza (GAMBOA, 1989, p.101).

Além disso, importa ainda chamar a atenção para o fato de que a concretização do conhecimento em si, e da ação humana que conduz a esse concreto, constitui-se num processo, cujas ideias gerais e criadas pelo pensamento num contexto de transformação da realidade, se dá, no plano subjetivo, pela expressão das propriedades essenciais da realidade (VIEIRA PINTO, 1979 *apud* OLIVEIRA, M., 2000, p.53). Sendo assim, importam ainda algumas considerações para deixar em aberto um possível caminho a trilhar.

Se o trabalho é a *protoforma do agir humano* e a categoria central nesse agir tem como referência o *trabalho como ação humana concreta*, diante das condições reais de trabalho do homem na atualidade, o que é a atividade que ele desenvolve, de fato, nesse sentido? E o que não é? É *trabalho abstrato, produtivo*, alienado, toda essa atividade, e sob as hostes de imposição do sistema capitalista de produção (e reprodução) social? Não haveria, nesse *tempo*, nesse contexto sociocultural, outra forma de entendimento do trabalho, e partindo das necessidades humanas reais, para além do que está posto pela produção acadêmica analisada aqui? E carregar de sentido e significado o trabalho não seria isso? Ir buscar na atividade humana em si, na vida dos homens esses sentidos e significados? Ou o entendimento de

trabalho é esse mesmo e é necessário então perseguir o que seja, de fato, a atividade de/do lazer?

Isso pode revelar que tudo é como se pensa que é. Mas pode também revelar formas e entendimentos que nem as leituras e projeções de um devir do *trabalho concreto*, emancipador, nem aquelas outras de um trabalho real, provavelmente abstrato, produtivo, alienado e alienante, deram conta de evidenciar. O mesmo ocorreria no lazer (?). Por quê?

Porque se mantêm ainda no âmbito de análises que não dão conta de captar, entender, explicar e projetar alternativas a partir da atividade humana, da sua ação concreta, no que ela tem de mais inventivo, de busca de alternativas “em se fazendo” diante das situações de recrudescimento na precarização das suas condições de vida em geral. Pensar sobre isso e agir, avançar para além dos limites teóricos que definem e se definem o/no campo acadêmico é o que está posto como desafio (e seria ingenuidade achar que é de agora). Não se trata de senso comum (pelo menos, não pura e simplesmente), mas de, pelo menos, tentar entender o que o homem real produz e nos diz, de fato, no seu atual estágio de desenvolvimento sociocultural e projetar alternativas de avanço a partir desse entendimento e/ou de incorporar as alternativas apontadas nesse estágio que, obviamente, não surgiram nele sem uma bagagem de vivência do real (por parte dos sujeitos) que vai além do tempo do capital, por exemplo. No caso do lazer, se o seu entendimento é de existência a partir desse tempo, o do capital, da industrialização e, no caso do Brasil, da urbanização, a maneira de perseguir o objeto talvez seja outra. Também não se trata de desconsiderar os referenciais que se colocam nessa direção, pois é a partir deles que se dá um primeiro passo (talvez outros passos mais) e, correndo o risco de resvalar, de novo, numa certa ingenuidade, é o caso de refazer alguns caminhos e ampliá-los.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio Bettine; GUTIERREZ, Gustavo Luís; MARQUES, Renato. O lazer como objeto de estudo das Ciências Humanas. *Licere*, Belo Horizonte, v.11, n.3, p.1-15, dez. 2008. Disponível em: < http://www.anima.eefd.ufjf.br/licere/pdf/licereV11N03_a6.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.

ALMEIDA JÚNIOR, Admir S. Lazer e cultura em tempos de globalização: inclusões, exclusões e sincretismos. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER (ENAREL), 9., 1997, Belo Horizonte. *Coletânea... A diversidade cultural no lazer*. Belo Horizonte: UFMG/EEFFTO/CELAR, 1997. p.609-616.

ALVES, Giovanni. Trabalho, subjetividade e lazer: estranhamento, fetichismo e reificação no capitalismo global. In: PADILHA, Valquíria (Org.). *Dialética do Lazer*. São Paulo: Cortez, 2006. p.19-49.

AMARAL, Sílvia Cristina Franco. Políticas públicas de lazer: existe possibilidade de uma gestão participativa? In: PADILHA, Valquíria (Org.). *Dialética do Lazer*. São Paulo: Cortez, 2006. p.156-172.

ANDRADE, José de. Implementação de uma política de lazer para a cooperativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST): relato de pesquisa-ação. In: PADILHA, Valquíria (Org.). *Dialética do Lazer*. São Paulo: Cortez, 2006. p.213-257.

ARMAS, Camila Santos de; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Seres Humanos e Natureza: O Lazer como Mediação. *Licere*, Belo Horizonte, v.13, n.2, p.1-29, jun. 2010. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufjf.br/licere/pdf/licereV13N02_a2.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.

- BITENCOURT, Fernando G. Esporte globalizado e cultura de consumo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - CONBRACE, 10., v.1, 1997, Goiânia. **Anais...** Renovações, modismos e interesses. Goiânia: CBCE/Potência, 1997. p.552-558.
- BROWN, J. J. From Friday to Sunday: the hacker ethic and shifting notions of labor, leisure and intellectual property. **Leisure Studies**, v.27, n.4, p.395-409, 2008 *apud* SILVA, Emília Amélia Pinto Costa da; SILVA, Priscilla Pinto Costa da. Lazer, trabalho e consumo: possíveis aproximações. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.3, set. 2011. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV14N03_a4.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2011.
- BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer e tempo: reflexões envolvendo a tecnologia e a globalização. In: CONGRESSO MUNDIAL DO LAZER, 5, 1998, São Paulo. **CD-ROM Apresentação de Trabalhos**. Lazer em uma sociedade globalizada: inclusão ou exclusão. São Paulo: SESC, 1998. (Sem paginação).
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Perspectivas para o lazer com o impasse da luta pela redução da jornada de trabalho – o caso brasileiro. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.1-32, jun. 2009. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV12N02_ar2.pdf>. Acesso em: 5 set. 2011.
- CAMPOS, Túlio; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Crianças nos sinais: um olhar sobre o trabalho infantil e as possibilidades e impossibilidades de vivências do lazer nas ruas de Belo Horizonte. **Licere**, Belo Horizonte, v.10, n.1, set. 2007. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV10N01_a7.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.
- CHAUÍ, Marilena. Prefácio. In: LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CUSTODIO, Mariana Lopes *et al.* O lazer e o reino da liberdade: reflexões a partir da ontologia do ser social. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.4, p.1-21, dez. 2009. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV12N04_ar3.pdf>. Acesso em: 5 set. 2011.
- DE PELLEGRIN, Ana. Lazer, corpo e sociedade: articulações críticas e resistências políticas. In: PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do Lazer**. São Paulo: Cortez, 2006. p.104-125.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973a.
- _____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1973b.
- _____. A revolução cultural do lazer nos centros urbanos. **Cadernos de lazer**, São Paulo, n.1, p.43-52, 1977.
- _____. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.
- _____. New "elogio de la folie". **World Leisure & Recreation**, v.32, n.4, p.6-10, 1990.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2v.
- FALEIROS, M. I. L. Repensando o lazer. **Revista Perspectiva**, São Paulo, 1980 *apud* POLATO, Thelma Hoehne Peres. Reflexões sobre o lazer: contribuições da ontologia do ser social. **Licere**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.54-64, 2004.
- FERES NETO, Alfredo. A esportivização do mundo e/ou a industrialização do esporte; suas influências na vivência lúdica com a criança, em especial com o brinquedo. **Motrivivência**, Florianópolis, v.8, n.9, p.109-117, 1996.
- FINCK, Sílvia Christina M. Algumas reflexões sobre o ritmo dos movimentos do homem. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 1., Campinas. **Coletânea...** Campinas: FEF/UNICAMP, 1993. p.40-46.
- FINOCCHIO, José L. O trabalho e o tempo livre: libertação e humanização. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 1., Campinas. **Coletânea...** Campinas: FEF/UNICAMP, 1993. p.60-65.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 *apud* MASCARENHAS, Fernando. Tempo de trabalho e tempo livre: algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. **Licere**, Belo Horizonte, v.3, n.1, p.72-89, 2000.
- GAMBOA, Silvío Ancizar Sanchez. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia de Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1989. p.91-115.

GARIGLIO, José Ângelo. A ludicidade no "jogo" de relações trabalho/escola. **Movimento**, Porto Alegre, v.2, n.3, p.27-33, ago.1995.

GOMES, Christianne Luce; PINTO, Leila. O lazer no Brasil. Analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, Christianne *et al.* (Org.). **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación em Latinoamérica**. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Concepção dialética da História**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GUIMARÃES, Ailton Vitor. **Abordagens do lazer e suas inter-relações com o trabalho e a tecnologia na produção acadêmica brasileira na área do Lazer**. 2001. 170 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, 2001.

HELLER, Ágnes. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1994 *apud* SILVA, Maurício Roberto da. A exploração do trabalho infantil e suas relações com o tempo de lazer/lúdico: quando se descansa se carrega pedra! **Licere**, Belo Horizonte, v.4, n.1, p.9-20, 2001.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Esporte: conteúdo dominante no lazer do trabalhador. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.21, n.1, 1999. p.741-747.

_____. **O lazer do trabalhador em um contexto de transformações tecnológicas**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997 *apud* ARMAS, Camila Santos de; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Seres Humanos e Natureza: O Lazer como Mediação. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.2, p.1-29, jun. 2010. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV13N02_a2.pdf>. Acesso em: 5 set. 2011.

LAVOURA, Tiago Nicola; SCHWARTZ, Gisele Maria; MACHADO, Afonso Antonio. Emoções, aventura e natureza: análise dos relatos verbais de praticantes dos esportes de aventura. **Licere**, Belo Horizonte, v.11, n.1, p.1-19, abr. 2008. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV11N01_a7.pdf>. Acesso em: 5 set. 2011.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne**. Paris: L'Arche Éditeur, 1958 *apud* SILVA, Maurício Roberto. A exploração do trabalho infantil e suas relações com o tempo de lazer/lúdico: quando se descansa se carrega pedra! **Licere**, Belo Horizonte, v.4, n.1, p.29-20, 2001.

LICERE. Revista do Programa Interdisciplinar de Mestrado em Lazer - CELAR/UFMG, Belo Horizonte, v.1, n.1, 1998.

MARCASSA, Luciana; MASCARENHAS, Fernando. Lazer. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005, p.255-259.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. 3ed. Campinas: Papyrus, 1995a.

_____. **Lazer e Humanização**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 1995b.

_____. **Estudos do Lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996a.

_____. (Org.). **Políticas públicas Setoriais de lazer: o papel das prefeituras**. Campinas: Autores associados, 1996b.

_____. **Pedagogia da Animação**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 1997.

_____. (Org.). **Lazer e Esporte: políticas públicas**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. A sala de aula como espaço para o jogo do saber. In: MORAIS, Régis de (Org.). **Sala de aula-que espaço é esse?** 15.ed. Campinas: Papyrus, 2002 *apud* PICCOLO, Gustavo Martins. A escola como ferramenta à educação para o lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.2, jun. 2009. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV12N02_a3.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.

_____. (Org.). **Formação e Desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas: Papyrus, 2003.

_____. Lazer e trabalho, no cotidiano da sociedade pós industrial, a partir da obra de Domenico De Masi, publicada no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.73-85, 2004.

_____. Lazer e Educação Física. In: DE MARCO, Ademir (Org.). **Educação Física: Cultura e Sociedade**. São Paulo: Papyrus, 2006a.

_____. Lazer, espaço urbano e transversalidade. In: CARVALHO, J. E. **Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias**. Curitiba: Champagnat, 2006b. p.71-81.

_____. Contribuições de autores clássicos modernos e contemporâneos para os estudos do lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.4, dez. 2010. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV13N04_ar2.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.

MARCELLINO, Nelson Carvalho *et al.* Lazer e trabalho no cotidiano da sociedade pós-industrial, a partir da obra de Domenico De Masi publicada no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.73-85, 2004.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: O homem unidimensional**. 6.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982 *apud* ARMAS, Camila Santos de; INÁCIO, Humberto de Deus. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.2, p.1-29, jun. 2010. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV13N02_a2.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (v.1) *apud* MARCELLINO, Nelson Carvalho. Contribuições de autores clássicos modernos e contemporâneos para os estudos do lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.4, dez. 2010. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV13N04_ar2.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: edições 70, 1989 *apud* MARCELLINO, Nelson Carvalho. Contribuições de autores clássicos modernos e contemporâneos para os estudos do lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.4, dez. 2010. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV13N04_ar2.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.

_____. O trabalho alienado. In: OLIVEIRA, Paulo de Sales (Org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998. p.151-163 *apud* MASCARENHAS, Fernando. Tempo de trabalho e tempo livre: algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. **Licere**, Belo Horizonte, v.3, n.1, p.72-89, 2000.

_____. A maquinaria e a indústria moderna. In: _____. **O Capital: Crítica da economia política**. 17.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p.425-571.

_____. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I. 23.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006a.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2006b.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer**. Campinas: FEF/UNICAMP, 2005. (Tese de Doutorado).

_____. **Lazer e grupos sociais: concepções e método**. 2000a. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000a.

_____. Tempo de trabalho e tempo livre: algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. **Licere**, Belo Horizonte, v.3, n.1, p.72-89, 2000b.

_____. **Lazer como prática da liberdade: uma proposta educativa para a juventude**. 1.ed. Goiânia: UFG, 2003.

_____. Em busca do ócio perdido: idealismo, panaceia e predição histórica à sombra do lazer. In: PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do Lazer**. São Paulo: Cortez, 2006. p.75-103.

MERENGUÉ, D. A ordem e o mercado dos prazeres. In: BRUHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luiz (Org.). **Enfoques contemporâneos do lúdico**. Campinas: Autores Associados, 2002. p.57-70 *apud* PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; LARA, Larissa Michelle. Poética musical, lazer e cotidiano. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.1, mar. 2009. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV12N01_a2.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2011.

NAVARRO, Vera Lucia. Trabalho, saúde e tempo livre sob os domínios do capital. In: PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do Lazer**. São Paulo: Cortez, 2006. p.50-74.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. Na teoria da dialética materialista: a busca do referencial. In: _____. **A reconstrução da didática**: Elementos teórico-metodológicos. 3.ed. Campinas: Papyrus, 2000. p.37-53.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. O lúdico na vida cotidiana. In: BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). Introdução aos estudos do lazer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p.11-32. Coleção Livro-texto.

_____. Simone Weil: trabalho e lúdico entrelaçados. **Licere**, Belo Horizonte, v.4, n.1, p.22-28, 2001.

PACHECO, Reinaldo Tadeu Boscolo. O lazer nas empresas: onde está o trabalhador? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.12, n.(1,2,3), p.249-260, 1992.

_____. A escola pública e o lazer: impasses e perspectivas. In: PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do Lazer**. São Paulo: Cortez, 2006. p.173-214.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e capitalismo**: um par imperfeito. Campinas: Alínea, 2000 *apud* SILVA, Emília Amélia Pinto Costa da; SILVA, Priscilla Pinto Costa da. Lazer, trabalho e consumo: possíveis aproximações. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.3, set. 2011. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufjf.br/licere/pdf/licereV14N03_a4.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2011.

_____. (Org.). **Dialética do Lazer**. São Paulo: Cortez, 2006a.

_____. Introdução. In: _____. (Org.). **Dialética do Lazer**. São Paulo: Cortez, 2006b. p.9-18.

_____. Consumo e lazer reificado no universo onírico do *shopping center*. In: _____. (Org.). **Dialética do Lazer**. São Paulo: Cortez, 2006c. p.126-154.

PALAFIX, Gabriel H. M. Capitalismo tardio e globalização: implicações do desenvolvimento tecnológico na pós-modernidade e seu impacto na Educação Física no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - CONBRACE, 10., v.2, 1997, Goiânia. **Anais... Renovações, modismos e interesses**. Goiânia: CBCE/Potência, 1997. p.802-807.

PEREIRA, Laurindo Mékie; SILVA, Luciano Pereira da. A vivência do lazer sob uma perspectiva histórica: o caso do Município de Montes Claros/MG. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.1, set. 2010. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufjf.br/licere/pdf/licereV13N01_a4.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.

PICCOLO, Gustavo Martins. A escola como ferramenta à educação para o lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.1-37, jun. 2009. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufjf.br/licere/pdf/licereV12N02_a3.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; LARA, Larissa Michelle. Poética musical, lazer e cotidiano. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.1, mar. 2009. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufjf.br/licere/pdf/licereV12N01_a2.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2011.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. **Sentidos e significados de tempo de lazer na atualidade**: estudo com jovens belo-horizontinos. 2004. 198 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães *et al.* Recreação, Lazer e Educação Física/Ciências do Esporte: conhecimento e intervenção. In: GOELLNER, Silvana V. (Org.). **Educação Física/Ciências do Esporte**: intervenção e conhecimento. Florianópolis: CBCE, 1999. p.101-127.

PIRES, Edmilson. Atividade física, lazer e qualidade de vida. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - CONBRACE, 10., v.2, 1997, Goiânia. **Anais... Renovações, modismos e interesses**. Goiânia: CBCE/Potência, 1997. p.984-991.

PIRES, Giovani de Lorenzi. Globalização, cultura esportiva e educação física: primeiras aproximações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - CONBRACE, 10., v.1, 1997, Goiânia. **Anais... Renovações, modismos e interesses**. Goiânia: CBCE/Potência, 1997. p.559-567.

POLATO, Thelma Hoehne Peres. Reflexões sobre o lazer: contribuições da ontologia do ser social. **Licere**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.72-89, 2004.

PRONOVOST, Gilles. Pour un renouveau de la sociologie du loisir. **Revista Sociétés**, Paris, n.32, p.183-188, 1991 *apud* CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Perspectivas para o lazer com o impasse da luta pela redução da jornada de trabalho – o caso brasileiro. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.2,

p.1-32 set. 2007. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV12N02_ar2.pdf>. Acesso em: 5 set. 2011.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE – RBCE. Florianópolis: CBCE/NEPEF/UFSC, 1979.

RIBEIRO, Simone M.; ALMEIDA, Flavio S.; GOMES, Noélia A. O idoso institucionalizado e a vivência da exclusão social. **Revista Multidisciplinar das Faculdades Integradas Pitágoras**, Montes Claros, n.3, p.24-32, out. 2006 *apud* PEREIRA, Laurindo Mékie; SILVA, Luciano Pereira da. A vivência do lazer sob uma perspectiva histórica: o caso do Município de Montes Calros/MG. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.1, set. 2010. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV13N01_a4.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.

SADI, Renato Sampaio. Educação física e lazer: a centralidade do trabalho como mediação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.21, n.1, p.747-753, 1999.

SANTIN, Silvino. Diversidade cultural no lazer: exclusões e marginalidades. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER (ENAREL), 9., 1997, Belo Horizonte. **Coletânea...** A diversidade cultural no lazer. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997. p.38-50.

SILVA, Emília Amélia Pinto Costa da; SILVA, Priscilla Pinto Costa da. Lazer, trabalho e consumo: possíveis aproximações. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.3, set. 2011. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV14N03_a4.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2011.

SILVA, Maurício Roberto. Sonhos de criança: trabalho ou lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. p.49-71.

_____. A exploração do trabalho infantil e suas relações com o tempo de lazer/lúdico: quando se descansa se carrega pedra! **Licere**, Belo Horizonte, v.4, n.1, p.29-20, 2001.

SILVA, Paulo da Trindade N. Globalização: a nova cultura do trabalho e seus impactos na educação física. **Motrivivência**, Florianópolis, v.9, n.10, p.121-141, dez. 1997.

SILVA, R. A.; GONÇALVES JUNIOR, L. Lazer e processos educativos: o olhar de gestores de clubes de empresas. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n.2, p.1-31, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Educação, trabalho e currículo na era do pós-trabalho e da pós-política. In: FERRETTI, Celso João; SILVA JÚNIOR, João dos Reis; OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales (Org.). **Trabalho, formação e currículo**: para onde vai a escola? São Paulo: Xamã, 1999. p.75-83.

SUE, Roger. De la sociologie du loisir à la sociologie des temps sociaux. **Revista Sociétés**, Paris, n.32, p.173-181, 1991 *apud* CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Perspectivas para o lazer com o impasse da luta pela redução da jornada de trabalho – o caso brasileiro. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.1-32 set. 2007. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV12N02_ar2.pdf>. Acesso em: 5 set. 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

_____. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Trabalho, educação e prática social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p.44-93.

_____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Unicamp, 2002.

VALENTE, Edison F. Lazer: tempo e espaço sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., 1997, Maceió. **Coletânea...** Maceió: ETFAL/UNIJUÍ, 1997. p.316-323.

VERONEZ, Luiz Fernando C. Autonomia e heteronomia no controle do tempo: a gênese do tempo de lazer. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 3., 1995, Curitiba. **Coletânea...** Curitiba: DEF/UFPR, 1995. p.73-80.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Os dois caminhos da ciência da lógica. In: _____. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 *apud* OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. Na teoria da dialética materialista: a busca do referencial. In:

_____. **A reconstrução da didática.** Elementos teórico-metodológicos. 3.ed. Campinas: Papirus, 2000. p.37-53.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 *apud* OLIVEIRA, Paulo de Salles. Simone Weil: trabalho e lúdico entrelaçados. **Licere**, Belo Horizonte, v.4, n.1, p.22-28, 2001.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 12, 2000. Balneário Camboriú. **Coletânea...** Camboriú: ROCA/Universidade do Vale do Itajaí, 2000, p.77-88 *apud* PICCOLO, Gustavo Martins. A escola como ferramenta à educação para o lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.1-37, jun. 2009. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV12N02_a3.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2011.

_____. Lazer e formação profissional na sociedade atual: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. **Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.47-65, set. 1998.